

CAPÍTULO VI
OS INTELLECTUAIS E SEUS PÚBLICOS:
BOURDIEU HERDA WRIGHT MILLS

O Bourdieu estadunidense

Até aqui, os capítulos anteriores discorreram sobre conversações hipotéticas entre Bourdieu e o marxismo; sobre como Bourdieu aproximou-se muito de Marx, mas o fez em uma direção jamais prevista por aquele, isto é, rumo à economia política dos bens simbólicos; sobre o modo como Gramsci e Bourdieu estavam em absoluto desacordo quanto às origens da durabilidade e profundidade da dominação; sobre como meu próprio trabalho também sugeriu que a submissão pode ser mais estrutural e situacional do que Bourdieu supunha com sua noção de *habitus*; sobre como, a despeito de algumas perspectivas semelhantes acerca do colonialismo, Fanon e Bourdieu discordavam quanto aos meios para transcendê-lo (e aqui, ironicamente, vimos como a dominação colonialista era mais profunda para Fanon que para Bourdieu); e, por fim, vimos as notáveis convergências entre o feminismo intelectual de Beauvoir e a dominação simbólica de Bourdieu. Concluiremos este livro com outra convergência, desta vez, entre Bourdieu e Wright Mills. Ambos dividiram projetos públicos e sociológicos comuns, malgrado terem vivido em continentes diferentes e meio século distantes. Com efeito, eu diria que Wright Mills foi o Bourdieu estadunidense.

Convergências impressionantes

Ataques de Bourdieu contra o profissionalismo, o provincianismo, o formalismo e o empirismo da sociologia estadunidense podem ser achados em *A profissão de sociólogo*¹, assim como em outros livros que ecoam *A imaginação sociológica*² de Wright Mills. Com efeito, Mills foi quase o único autor do panteão sociológico estadunidense a receber a aprovação de Bourdieu. Dado que suas perspectivas eram bem semelhantes, a comparação entre os dois autores não apenas enfatizaria o enorme alcance da erudição de Bourdieu, como também mostraria o quanto o mundo mudou desde os anos 1950 até hoje (embora tenha, em alguns aspectos, retornado àquela época), destacando as diferenças abissais entre os Estados Unidos e a França. Os anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial testemunharam o ressurgimento do radicalismo que havia nascido nos anos 1930; porém, este só duraria até a reação impor-se na forma do macarthismo*, com as perseguições, o anticomunismo, o triunfalismo imperialista e o “fim da ideologia”. Assim como Mills confrontara-se com a reviravolta do contexto político do New Deal**, a maior parte dos trabalhos de Bourdieu pode ser vista pelas lentes da exaustão da herança dos anos 1960 e da guinada direitista dos anos 1980 e 1990.

Biograficamente, Bourdieu e Mills tiveram origens diferentes: o primeiro, como já vimos, era filho de um agente dos correios em um povoado dos Pireneus franceses; o segundo foi criado em uma família procedente da classe média do Texas. O mais interessante é que ambos iniciaram sua carreira como estudantes de filosofia, mas logo deixariam o formalismo filosófico abstrato para se engajarem mais diretamente nas questões do mundo. Com relação a Mills, seu interesse no pragmatismo colocou-o em uma posição particular em

* Macarthismo. No período da Guerra Fria, tanto nos Estados Unidos como na União Soviética, os suspeitos de simpatizar com a ideologia adversária eram perseguidos e duramente reprimidos. O macarthismo, movimento que recebeu esse nome por ter sido liderado pelo senador Joseph McCarthy (1908-1957), acusou e levou à prisão inúmeros cientistas, escritores, artistas e agentes do governo, destruindo reputações e carreiras. Essa campanha anticomunista ocorreu entre 1950 e 1954, período em que McCarthy dirigiu o Subcomitê de Investigação de Atividades Subversivas. Suas acusações de comunismo eram rapidamente aceitas, mesmo sem provas, em virtude do clima de paranoia e de ansiedade criado na época. (N. do T.)

** New Deal (Novo Acordo), política social aplicada nos Estados Unidos pelo presidente Franklin Roosevelt, entre 1933 e 1938. Esse conjunto de medidas visava a reduzir os efeitos da Grande Depressão (1929). Foram criados novos mecanismos e organismos federais para minimizar o desemprego e restabelecer o crescimento econômico, mediante subsídios, assistência social e frentes de trabalho. (N. do T.)

relação à sociologia dominante, opondo-se ao estrutural-funcionalismo e às pesquisas de mercado — assim como Bourdieu reagiria às pretensões intelectuais de Jean-Paul Sartre e seu círculo e à reforma da sociologia francesa. Mills chegou tardiamente ao marxismo e, tal como Bourdieu, embora tivesse tomado emprestadas inúmeras ideias de Marx, ele nunca se identificou com o projeto político marxista, a não ser bem no final da vida. Além disso, cada vez mais parecido com Bourdieu, Mills sentia-se permanentemente desconfortável com seu quadro teórico. Ambos foram hostis ao Partido Comunista, do qual nunca foram partidários ou integrantes, muito embora ambos exibissem simpatias (ora encobertas, ora explícitas) pelas variantes democráticas do socialismo. Os dois autores foram bastante influenciados por Weber, com quem dividiram a preocupação constante com a dominação, sua reprodução e suas repercussões. Tal como Weber, eles jamais definiram em detalhes nenhuma utopia futura. Ambos tinham apenas uma teoria da história parcamente desenvolvida: Mills deteve-se na transição da ordem aristocrática do século XIX (feita lado a lado com públicos pretensamente democráticos) rumo ao novo regime das elites do poder com a sociedade de massas, ao passo que Bourdieu subscrevia a teoria da modernização, tal como mostrei no capítulo IV, baseando-se na diferenciação progressiva dos campos sociais relativamente autônomos — análogos àquilo que Weber chamou de *esferas valorativas*.

Mills e Bourdieu foram sociólogos reflexivos, escrevendo sobre os campos político e acadêmico nos quais atuaram. Por isso, ambos eram versados em sociologia do conhecimento e sociologia da ciência. A dissertação de mestrado de Mills tratava do desenvolvimento do pragmatismo: a secularização e a profissionalização da filosofia acadêmica. Seguindo os passos trilhados por Veblen, Mills mostrou-se sempre crítico do sistema universitário estadunidense, muito embora, novamente como Bourdieu, ele cultivasse certa afeição pelos aspectos elitistas da academia. Além disso, ambos se sentiam alienígenas ou estrangeiros no ambiente acadêmico e, a partir de uma perspectiva privilegiada, escreveram ácidas críticas à ordem estabelecida, provocando a hostilidade dos colegas e a adoração das novas gerações de sociólogos.

Mills e Bourdieu também foram grandes sociólogos e intelectuais públicos — não apenas em seus próprios países, mas também pelo mundo afora. Ambos cumpriram seus estágios acadêmicos como sociólogos profissionais, porém, logo atingiriam audiências mais amplas. Nenhum deles hesitou em ingressar na arena política como intelectuais; e suas carreiras mostraram um progressivo movimento a partir da academia rumo à esfera pública. Mills escreveu em uma época marcada pelo conformismo e pela passividade: seu

conceito de sociedade de massas reflete bem isso. Assim como Beauvoir, ele inspirou movimentos que jamais previra, como a Nova Esquerda dos anos 1960. Resta saber se Bourdieu também inspirará tais movimentos. O que se sabe é que seus escritos e discursos políticos desempenharam importante papel no debate público francês.

Classes sociais e dominação

Bourdieu passou a ser conhecido na sociologia por seu referencial metateórico — centrado nos campos, *habitus*, capital e, sobretudo, na violência simbólica — referencial que transcendeu seu próprio projeto empírico: um quadro teórico que vem sendo apropriado e utilizado por outros autores. Por sua vez, o livro escrito com Hans Gerth (1954) e que resume a única aventura de Wright Mills em questões teóricas mais amplas, *Caráter e estrutura social*, nunca chegou a ser acolhido pelos sociólogos. Mas a sua menção crítica às estruturas sociais da época e seu apelo à imaginação sociológica têm inspirado sucessivas gerações de estudantes. Há paralelos específicos no *corpus* teórico de Bourdieu, porque este último, assim como Mills, raramente fazia incursões em teoria pura, muito embora sua pesquisa empírica sempre tivesse mais consistência teórica. O impacto de Mills ultrapassou a sociologia — não apenas por atingir o âmbito público, mas também por ter se difundido por muitas outras disciplinas além da sociologia, rumo às ciências sociais e às humanidades.

As três maiores obras de Mills referentes à sociedade estadunidense dos anos 1950 lidam — sequencialmente e respectivamente — com a questão do trabalho e seus líderes sindicais (*Os novos homens do poder*, 1948), com a questão das novas classes médias (*A nova classe média*, 1951) e com a questão das classes dominantes (*A elite do poder*, 1956). O quadro teórico usado por Mills para estudar a sociedade estadunidense foi desenvolvido por ele no decorrer da mesma década, porém, pode-se encontrar uma clara continuidade na sua abordagem sobre o tema: o problema da crescente concentração do poder por uma coesa elite econômico-político-militar; a emergência da nova classe média aburguesada, composta por profissionais autônomos, administradores, comerciantes e burocratas; e, por fim, a existência da classe trabalhadora sobre a qual, no final das contas, Mills tinha pouco a dizer. Essas também eram as três classes sociais tratadas por Bourdieu em sua monumental obra-prima *A distinção*³. Mills fizera sua análise seguindo o caminho ascendente da hierarquia

social, enquanto Bourdieu tomara o caminho inverso, partindo das classes dominantes e descendo até a pequena burguesia e, por fim, até a classe trabalhadora. Ambos estudaram as formas pelas quais as classes dominantes impõem suas vontades à sociedade como um todo; mas, enquanto Mills enfatizava a concentração de recursos e a tomada de decisões pela elite do poder, Bourdieu tomou como dada essa concentração de riqueza e de poder e enfatizou as formas pelas quais a dominação é ocultada ou legitimada pelas categorias simbólicas dos dominantes.

O enfoque de Bourdieu, portanto, é na dominação simbólica: o exercício da dominação através da sua mistificação e de seu ocultamento. Em outras palavras, a classe dominante distingue-se por suas preferências em matéria de cultura. Seja nas artes, na música, na literatura, na arquitetura etc., a classe dominante apresenta-se como mais refinada e mais à vontade com seu consumo cultural do que a pequena burguesia (cujos gostos são direcionados pela emulação estética) e do que a classe trabalhadora (cujas preferências são condicionadas pela necessidade econômica). Na realidade, a distinção da classe dominante provém do seu acesso fácil à riqueza e à educação, mas tal distinção aparece como sendo inata, justificando-se, com isso, seu domínio em todas as esferas da vida social. A estética popular da classe trabalhadora — com sua preocupação com a *função* em vez da *forma*, com o que é representado em vez da representação em si — é a estética dominada, desprovida de um impulso crítico autêntico. A inovação de Bourdieu, portanto, está em conceber as classes não somente como formações político-econômico-sociais, mas também como formações culturais. Os integrantes de uma certa classe possuem não apenas capital econômico, mas também o que Bourdieu chamou de capital cultural. Eis então que a estrutura das classes sociais é um espaço bidimensional definido *hierarquicamente* pelo volume total do capital que elas detêm e *horizontalmente* (entre as classes) pela composição relativa dos diversos capitais (as combinações específicas entre o capital-dinheiro e o capital-cultura). Bourdieu mostrou como essa estrutura aparece espelhada na distribuição estatística das práticas culturais e dos padrões de consumo das classes.

É interessante compararmos essa visão da estrutura das classes sociais em Bourdieu com *A elite do poder* de Mills, em que este descreve a classe dominante como sendo composta por três conjuntos de instituições interligadas: as econômicas, as políticas e as militares. Ele deu a isso o nome de “domínios”, mas bem que podia ter dado o nome de “campos”. Mills também escreveu sobre as diferenças entre os domínios e os *habitus* das classes neles reinantes — *habitus* herdados das famílias, adquiridos em escolas e colégios

elitistas e desenvolvidos em redes de auxílio mútuo. Mills até devotou um capítulo especial às “celebridades” que tiram a atenção pública da problemática concentração do poder. Para ele, os símbolos de prestígio escondem o poder da elite dos olhos do povo. Tudo isso faz lembrar Bourdieu, porém, no final das contas, o enfoque é bastante diferente. Mills não estava interessado na relação entre a elite cultural e a elite político-econômico-militar — quer dizer, entre as frações dominada e dominante no interior da mesma classe dominante, como diria Bourdieu. Na verdade, Mills interessava-se pelas relações mutantes entre os três pilares da elite do poder, em especial pela ascendência da fração militar (os senhores da guerra) sobre as demais. Seria fácil sugerir que suas diferentes ênfases refletiam as diferentes posições ocupadas pelos Estados Unidos e pela França na ordem global — o primeiro, uma potência militar; a segunda, uma nobreza cultural.

Se há alguma divergência na conceituação da classe dominante, há mais convergência em suas respectivas abordagens da classe média. O tema que perpassa ambos os autores é a instabilidade da classe média, tentando manter sua posição na hierarquia da sociedade. Conforme diminui o abismo entre a classe operária e as classes médias — em especial em relação às velhas classes médias, sujeitas à desqualificação profissional, mas também em relação às novas classes médias, sujeitas à ascendência à burocracia —, cresce o pânico destas quanto à perda do *status* social. A educação, como forma de capital, torna-se mais importante que a propriedade econômica para afirmar a distinção da classe média. Muito de *A nova classe média* é dedicado à crescente importância da educação na distinção, mas também ao papel da mídia de massa e do mundo ilusório que ela cria. Mills devotou grande espaço nesse livro ao destino dos intelectuais, com sua perda de independência e de autonomia pela burocratização, tornando-se mera tecnocracia serva do poder e sem compromisso com os públicos da sociedade. Em termos diretamente análogos àqueles usados por Bourdieu, Mills mostrou como o campo acadêmico se estava tornando mais e mais parecido com o campo econômico, colonizado pela lógica do capital privado.

Quanto à questão da classe trabalhadora, tanto Bourdieu como Mills tinham pouco a dizer. *A miséria do mundo*⁴ — o livro mais etnográfico de Bourdieu — foi uma interessante exploração (embora sem teorias) da vida da classe trabalhadora, ao passo que *A distinção*⁵ foi amplamente dependente da pesquisa quantitativa (*survey*). A cultura da classe trabalhadora é a cultura dominada, sensível às necessidades econômicas prementes e ao prestígio da cultura dominante. A análise feita por Mills sobre a classe trabalha-

dora em si é menos densa, dado que a preocupação de *Os novos homens do poder*⁶ recai sobre os líderes operários e não sobre seus liderados. Entretanto, o argumento é bastante similar àquele que Bourdieu defende em *Linguagem e poder simbólico*⁷. Lá, os representantes dos dominados ingressam no campo do poder, onde se envolvem em um jogo competitivo entre si mesmos; e a lógica do poder sobrepuja sua obrigação de prestar contas aos dominados que representam. Mills descreve como os líderes da classe trabalhadora são cooptados pela classe empresarial por meio das negociações que promovem. Eles buscam então se aliar aos níveis inferiores da elite do poder. Por isso, tanto Mills como Bourdieu veem as lideranças dos trabalhadores manipulando e controlando seus liderados; e a ideia da representação não passa de figura retórica usada como recurso para, simultaneamente, perseguir e esconder os jogos que ocorrem nas altas rodas do poder. Os ensaios “A opinião pública não existe”⁸ e “Os usos da ideia de ‘povo’”⁹ escritos por Bourdieu, seguem o mesmo ceticismo manifesto por Mills quanto à sociedade de massas.

Mas, lado a lado a esse ceticismo expresso por Mills, sempre havia certa visão política alternativa, embora ela se tornasse mais e mais utópica com o passar do tempo. *Os novos homens do poder* descreve os líderes operários absorvidos pela elite do poder como cúmplices da “corrente dominante”; mas o livro mapeou também o campo político do período logo após a Segunda Guerra Mundial, como sendo um conjunto de públicos que incluía a Extrema Esquerda (a esquerda leninista), a Esquerda Independente (mais crítica que a ala intervencionista), o Centro Liberal (que podia inclusive apoiar os sindicatos), os Comunistas (que ele via como a quinta-coluna antidemocrática), a Direita Pragmática (que apoiava as lutas de classe contra os sindicatos e a esquerda) e, por fim, os Conservadores Sofisticados (empresários liberais ligados ao complexo industrial-militar que viam os sindicatos como uma força estabilizadora que controlaria os descontentes). Como tantos outros cronistas do seu tempo, Mills esperava que o capitalismo sofresse outro “percalço”, o que faria com que os Conservadores Sofisticados mostrassem o peso de sua mão. Isso também atrairia apoio popular ao autêntico Partido Operário (Mills apoiou em 1948 a tentativa de Norman Thomas como candidato à presidência pelo Partido Socialista) — movimento que organizaria o controle da produção pelos trabalhadores e a planificação democrática. O socialismo, dizia Mills, havia sido tirado dos trilhos pela social-democracia, pelo sindicalismo miúdo e pelo comunismo autoritário. Inevitavelmente, Mills esperava por uma nova modalidade de intelectual: o “intelectual operário” — ao mesmo tempo inde-

pendente e comprometido com a classe trabalhadora, capaz de forjar uma nova visão e uma nova vontade coletiva.

Esse otimismo expresso por Mills não duraria muito tempo. A reação logo varreria o país inteiro e, enquanto escrevia *A nova classe média*, o autor se deparava com outro cenário bem mais sombrio. Ali ele se referiu às classes médias como uma retaguarda sem projeto político nem vontade própria, tomando partido das forças dominantes na sociedade, as quais, na hipótese de uma crise, desabariam juntamente com as elites do poder. Já quando escreve *A elite do poder*, Mills está dominado pelo desespero. Denunciando o “crescimento da imoralidade” e a “irresponsabilidade organizada” das classes e elites dominantes, sua imaginação política refugia-se do futuro sombrio em um passado radiante. Ele contrapõe a sociedade de massas que via a seu redor com a democracia dos públicos: a aspiração fundante e a prática original da sociedade estadunidense. Mills nunca se reconciliaria com seu contexto presente; nunca capitularia na batalha intelectual por outro mundo. Assim como Bourdieu, os acontecimentos contemporâneos e sua trajetória biográfica empurraram-no mais e mais para dentro da arena pública.

A imaginação sociológica

Mas não antes do adeus à sociologia! *A imaginação sociológica*¹⁰ foi o presente de despedida dado por Mills à sociologia — obra que figura entre as mais amplamente lidas e que representa uma das inspiradoras introduções ao pensamento sociológico. Publicada em 1959, apenas três anos antes da sua morte em 1962, esse livro aponta para duas direções: para trás, para a sociologia; e para frente, para a política. A mirada para trás foi uma devastadora e memorável condenação da sociologia profissional estadunidense, dos pecados do empirismo alienado e da grande teoria*. O empirismo alienado referia-se às pesquisas quantitativas divorciadas de quaisquer contextos teóricos ou históricos; pesquisas tipificadas, na visão de Mills, pelo trabalho de Lazarsfeld — seu chefe titular — com quem tivera um relacionamento bem tempestuoso. O empirismo alienado, ao aproximar-se das pesquisas de mercado, exemplifica a

* Grande teoria. Termo depreciativo cunhado por Wright Mills n' *A imaginação sociológica* para se referir a formas de teorização altamente abstratas, em que a ordem e o arranjo formal dos conceitos ganham prioridade sobre o verdadeiro entendimento dos fenômenos da sociedade. Seu principal alvo ali era Talcott Parsons. Cf. Parsons, *The social systems*, 1951. (N. do T.)

burocratização da sociologia e, de forma mais geral, mostra quanto os intelectuais estão cada vez mais subservientes ao mundo corporativo, atuando como consultores especialistas ou como analistas da opinião pública. A grande teoria, por sua vez, referia-se ao domínio do estrutural-funcionalismo dentro do mundo teórico: uma teoria formal, misteriosa e inacessível, a não ser à elite dos iniciados que gravitava em torno de Talcott Parsons. A grande teoria ergueu sua elaborada (embora vazia) arquitetura com pretensões certamente mundanas, porém, carentes de conteúdo. Contra o empirismo alienado e a grande teoria, Mills celebrava o sociólogo enquanto artesão, o qual desenvolvia a teoria sociológica através do envolvimento com os dados empíricos sociais. Ele decerto pintou o quadro romântico do sociólogo isolado e ainda não contaminado e não corrompido pelo ambiente acadêmico — o retrato do seu próprio isolamento e afastamento da universidade. Essa imagem era uma concepção totalmente antissociológica a respeito da sociologia profissional estadunidense, como uma luta maniqueísta entre o bem e o mal — o que justificou sua própria retirada daquele mundo.

Se o personagem principal de *A imaginação sociológica* é o “sociólogo como artesão”, seu personagem coadjuvante é o “intelectual independente”, olhando mais para fora (a esfera pública) que para dentro (a academia). Aqui também haveria dois pecados a evitar, a saber, de um lado, o sociólogo como conselheiro dos príncipes, o tecnocrata, o consultor; e, por outro lado, o sociólogo como rei-filósofo que aspiraria a dominar o mundo. O conselheiro dos príncipes e o rei-filósofo são os correspondentes, no domínio político, do empirista abstraído e do grande teórico, no domínio acadêmico; já o intelectual independente, por sua vez, é a imagem-espelho do sociólogo como artesão. O intelectual independente dirige-se igualmente aos públicos e aos líderes, mantendo, entretanto, certa distância de ambos. Aqui, com efeito, a imagem que Mills esboçara do sociólogo público — um conceito que ele descreveu, mas não nomeou — é mais a do intelectual tradicional que a do intelectual orgânico.

A conexão entre o sociólogo como artesão e o intelectual independente seria feita pela noção de imaginação sociológica que, como sabemos, transforma problemas privados em questões públicas. Mas se vê aqui certo lapso entre, de um lado, a sempre citada *imaginação sociológica*, a conexão entre o ambiente social e a estrutura social, o micro e o macro; e, por outro lado, a jamais descrita *imaginação política* que conectaria os tais problemas privados às questões públicas. Isso serviria para demonstrar (citemos como exemplo) que o desemprego não é um problema de indolência individual, mas um problema da economia capitalista. E isso seria outra forma de transformar aquele conhe-

cimento sociológico em uma demanda pública ou em um movimento social. Entretanto, explicitar os determinantes estruturais que dão origem aos problemas individuais é algo que tenderia a provocar mais a apatia e a rendição dos indivíduos que propriamente o seu engajamento. *Os novos homens do poder*, *A nova classe média* e *A elite do poder*, cada qual a seu modo, são livros que tentam cruzar o abismo que separa a sociologia da prática política e, ao fazerem isso, mostram como é difícil erguer e cruzar essa ponte.

Mas haveria mesmo alguma audiência para a qual os sociólogos públicos segundo Mills poderiam dirigir-se? Todas as obras dele apontam para o desaparelhamento dos públicos, devido à ascensão da sociedade de massas. Sendo assim, com quem os sociólogos públicos poderiam dialogar? Os mesmos dilemas também perpassam os trabalhos de Bourdieu, embora com suas próprias facetas. *A profissão de sociólogo*¹¹, escrito em 1968 em colaboração com Chamboredon e Passeron, como o próprio título sugere, dialoga diretamente com Mills e sua noção de sociólogo como artesão. O livro critica tanto o existencialismo (o correspondente sartriano do estrutural-funcionalismo parsoniano) como a reação a ele, na forma da importação irresponsável do empirismo estadunidense. Como Mills, o trabalho de Bourdieu é o contínuo diálogo da teoria com a pesquisa empírica: a primeira não poderia subsistir sem a segunda. Muito raramente Bourdieu se deixa levar pelos voos da fantasia teórica; suas afirmações teóricas eram sempre empiricamente fundamentadas. Por outro lado, ele seguia textualmente Bachelard — o filósofo francês da ciência — ao insistir na ruptura entre a ciência e o senso comum, o qual ele denominava “sociologia espontânea”. No caso particular da sociologia, tal ruptura torna-se especialmente importante, pois os problemas corriqueiros a respeito dos quais qualquer pessoa tem algo a dizer são sua matéria-prima. No decorrer da sua vida acadêmica, Bourdieu travou diversas lutas contra os comentadores por amorosismo — os “doxósofos” como ele dizia — que reivindicavam conhecer os problemas cotidianos mais que os sociólogos.

Muito embora a França fosse o berço da sociologia, sempre houve lá certa dificuldade em desenvolver uma sociologia profissional autônoma, independente da reforma social e do discurso público. Nesse sentido, o contexto acadêmico de Bourdieu era bem diferente daquele vivido por Mills: enquanto o primeiro travava imensas batalhas para criar uma ciência contra o senso comum, o segundo vivia sufocado pelo profissionalismo e lutava para conectá-lo novamente ao senso comum. Pelo menos em parte, isso contribuiu para conformar seus estilos de escrita quase opostos: Mills era sempre simples e acessível; e Bourdieu era dominado por construções sintáticas compridas, complexas e pela

cunhagem de conceitos esotéricos¹². Pois, para que a “nova ciência” fosse aceita no panteão acadêmico francês, era necessário que ela adotasse o estilo de escrita da disciplina com o maior prestígio no campo erudito, a saber, a filosofia. E, enquanto denunciava o distanciamento da filosofia perante a realidade cotidiana, Bourdieu, por outro lado, imitava o estilo retórico dos filósofos para, com isso, garantir prestígio à sociologia. Por isso, ele se privou do acesso aos públicos mais amplos que tanto buscou atingir. Mills sofreu do problema contrário: ao tornar seus livros mais acessíveis aos públicos e ao resistir aos jargões da ciência e da grande teoria, ele acabou perdendo credibilidade dentro do universo acadêmico. Reagindo a desafios opostos — Bourdieu abraçando a ciência contra o senso comum e Mills abraçando o senso comum contra a ultraciência —, ambos convergiram no entendimento acerca da metodologia, entendimento representado pela ideia do artesanato como unidade interativa da teoria com a pesquisa empírica.

Assim como Mills, Bourdieu também era comprometido com a ideia do intelectual independente. Além disso, seus alvos eram os mesmos. De um lado, ele denunciava o rei-filósofo — o chamado “intelectual total” encarnado por Jean-Paul Sartre e também por Beauvoir e Foucault — e, por outro lado, ele condenava o conselheiro do príncipe, os tecnocratas, os especialistas, os consultores do Estado-nação, todos servos do poder. O rei-filósofo, quer dizer, o intelectual público como intelectual total, dizia mais respeito à realidade da França, e não tinha sua contracópia nos Estados Unidos. Entretanto, a despeito do maior prestígio que os intelectuais desfrutavam na França, Bourdieu enfrentava os mesmos dilemas que Mills. Nenhum dos dois percebeu qualquer público externo com quem pudesse dialogar ou se engajar. Mills falava da sociedade de massas atomizada, afastada, alienada da prática política e do debate público, ao passo que, para Bourdieu, o problema era (se é que era) muito mais sério. O *habitus* é tão inculcado, que os dominados são insensíveis às críticas ou ataques à dominação. Além do mais, os intelectuais independentes, em ambas as visões, enfrentam o poder da mídia e dos próprios mediadores. Tanto Mills como Bourdieu jamais deixaram de atacar o poder da mídia em determinar a mensagem e mesmo em distorcer a pesquisa que se transforma na mensagem. Mills nunca escreveu nenhum livro como *Sobre a televisão*¹³ de Bourdieu, mas ele bem que poderia ter escrito.

Quer tenham buscado isso ou não, ambos os autores (embora Bourdieu mais que Mills) se tornaram celebridades em suas respectivas épocas, graças à feroz oposição política que fizeram. Eles se tornaram espetáculos midiáticos por direito próprio; e, quanto mais brandiam e ralhavam contra a mídia, mais cé-

lebres se tornavam! No entanto, ambos se opuseram à ideia do intelectual orgânico capaz de driblar a mídia e se engajar diretamente com seus públicos. Em teoria, os autores eram contra a figura do intelectual orgânico, com base na tese de que ele comprometeria sua independência; mas, na prática, suas atitudes foram outras. Wright Mills nunca participou de nenhuma passeata ou protesto coletivo; raramente assinava petições e evitava ao máximo lidar com o povo, o qual ele desdenhosamente denominava *a massa*. Ele foi o intelectual tradicional puro e típico, dirigindo-se ao povo a partir das alturas, do púlpito. Bourdieu, entretanto, era bem diferente: estava sempre pronto a iniciar ou assinar petições; estava sempre pronto a dialogar com todo tipo de público e de audiência; podia ser visto com frequência discursando para operários em piquetes. Ele não tinha alergia ao povo em nome do qual falava; muito pelo contrário: nutria grande simpatia por aqueles que jaziam na base das hierarquias da sociedade — simpatia que foi expressa com ênfase em *A miséria do mundo*, em que narra o sofrimento das classes subalternas e dos imigrantes no capitalismo contemporâneo. E aqui jaz o seguinte paradoxo: conforme sua própria teoria, tal engajamento sem intermediários era uma atividade não apenas inútil, mas também perigosa. Mills foi sempre mais fiel à ideia do intelectual tradicional, mas mesmo ele, nos últimos três anos de vida, comprometeria sua independência em uma desesperada militância partidária.

Da sociologia à prática política

A *imaginação sociológica*, o mais conhecido trabalho de Mills a resistir à prova do tempo, foi com certeza seu adeus à sociologia. Em seus últimos três anos de vida, Mills tornou-se um intelectual público, escrevendo dois pequenos livros polêmicos que pretendiam capturar a imaginação dos leitores. O primeiro deles foi *As causas da Terceira Guerra Mundial*¹⁴, em que dava sequência aos argumentos já desenvolvidos em *A elite do poder*, condenando o “realismo ensandecido” e a “irresponsabilidade organizada” — não apenas dos Estados Unidos, mas também da União Soviética. Juntas, essas duas potências mundiais estariam anunciando a Terceira Guerra Mundial. Ele conclui o livro com um apelo aos intelectuais para lutarem juntos contra a insanidade da “racionalidade sem razão”.

O segundo livro apresentava uma natureza bem distinta. Se em *As causas da Terceira Guerra Mundial*, Mills diagnosticou o modo pelo qual as elites no poder das superpotências encabeçavam a aniquilação da espécie humana, *Es-*

*cuta, ianque!*¹⁵ apontava para um contexto alternativo — um socialismo que não seria nem capitalista nem comunista. A revolução cubana serviu para tornar essa alternativa algo real. *Escuta, ianque!* foi baseado em uma curta visita de Mills a Cuba em 1960. Lá, ele passou “longos” três dias e meio com Fidel Castro e o dobro do tempo com o chefe do Instituto para a Reforma Agrária. Nesse relato da revolução cubana através das lentes dos seus líderes, Mills apontou os notáveis experimentos em planejamento econômico, a expansão do ensino básico, o fornecimento de serviços sociais e a reforma agrária então em curso — políticas que seriam reconhecidas como uma das principais marcas do socialismo cubano. Ele se dispôs a analisar as classes e as forças sociais que conduziam as transformações na ilha, bem como as forças reacionárias que se opunham a elas — e esse apoio à contrarrevolução não vinha senão dos Estados Unidos! Ele narrou os desafios enfrentados por Cuba tanto nacionalmente como mundialmente. A aberta hostilidade manifesta pelos americanos, disse Mills, estava empurrando Cuba para as mãos da União Soviética, que intensificava as ameaças militares aos Estados Unidos. *Escuta, ianque!* foi dirigido àquele público estadunidense aturdido pela imprensa chauvinista, com respeito à trajetória destrutiva do imperialismo “ianque” na América Latina (em especial quanto a Cuba) — imperialismo justificado pela Doutrina Monroe*. A revolução cubana, disse Mills, deveria ser vista como uma reação ao império, como uma experiência verdadeiramente democrática — experiência com a qual todos os povos conscientes poderiam aprender e que deveriam defender.

Foi apenas dois anos antes do fim dos seus 46 anos de vida que Mills descobriu o potencial das revoluções do Terceiro Mundo. Ele estava muito à frente do seu tempo. Nessa classe de análise, por sua compreensão do imperialismo e do colonialismo, por sua concepção da democracia socialista, *Escuta, ianque!* de Mills¹⁶ foi o precursor de *Os condenados da Terra* de Fanon — livro que viria a público no ano seguinte, o mesmo da morte do seu autor aos 35 anos. Essas duas vidas — a de Mills e a de Fanon — findaram com três meses de diferença, inspirando, cada qual a seu modo, inúmeros movimentos sociais ao

* Doutrina Monroe, declaração que reúne os princípios da política externa dos Estados Unidos com relação aos direitos e às atividades das potências europeias no continente americano. Foi elaborada pelo presidente James Monroe (1758-1831) em 1823 e alçada à categoria de princípio em 1845, embora sem ser respaldada por nenhuma legislação explícita. Por meio dela, Monroe afirmou que as potências europeias não poderiam continuar mantendo colônias na América e frisou que não deveriam intervir nos assuntos das recentemente emancipadas repúblicas latino-americanas. A Doutrina Monroe foi utilizada durante a Guerra Fria para legitimar o intervencionismo estadunidense na América Latina, com a alegação de afastar a suposta “ameaça soviética”. (N. do T.)

redor do globo. Ambos perceberam que o papel-chave do intelectual era dar à luz a revolução; entretanto, Mills chegaria a essa ideia só mais tarde, quando começou a viajar para o exterior e para a América Latina em especial, onde descobriria a importância da teoria revolucionária que anteriormente ele desprezava como sendo enganação marxista.

Da mesma maneira que Mills se tornara ainda mais franco e radical nos últimos três anos de vida, Bourdieu, na última década de atividade intelectual, também se tornaria mais agressivo, mais acusatório, mais público e mais político. Ele sempre havia considerado a sociologia (pelo menos a *sua* sociologia) como algo com potencial político intrínseco, no sentido que ela revelaria os alicerces escondidos da dominação. Não obstante, ocorria uma guinada conservadora da política na França e no mundo, o que o deixaria cada vez com mais desgosto e irritação. Em *Sobre a televisão*, de 1996¹⁷, e, logo depois, nas duas pequenas coleções de ensaios *Atos de resistência*, de 1998¹⁸, e *Contrafogos*, de 2001¹⁹, Bourdieu bradou abertamente contra o neoliberalismo e as tiranias do mercado. Ele fundou sua própria editora — *Liber Raison d'Agir* — para publicar livros politicamente motivados e publicamente acessíveis. Sua revista — *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* — sempre obteve grande audiência acadêmica. Ele se tornou ainda o porta-voz da frente ampla de esquerda na França e também se empenharia em desenvolver o que ele denominava “a internacional dos intelectuais”. Ele podia ser encontrado em piquetes com operários, bem como escrevendo cartas abertas a líderes proeminentes, protestando contra violações dos direitos humanos. Ele comprometeu-se com a ideia dos intelectuais como força coletiva: os “intelectuais orgânicos da humanidade” — como dizia. Wright Mills tinha concepção semelhante dos intelectuais como “terceira coluna” — ideia que ele havia formulado já durante a Segunda Guerra Mundial, quando lecionava na Universidade de Maryland; ideia, aliás, que o acompanhou até seus últimos dias.

Mas aqui encontraremos o seguinte paradoxo: Bourdieu reconhecia que o papel das ideias podia ter efeito apenas limitado nas mudanças da sociedade. Os dominados até poderiam manifestar interesse na mensagem das sociologias crítica e pública, porém, jamais conseguiriam compreender seu significado, tendo em vista que seus *habitus* submissos são demasiado profundos; já aqueles que conseguiriam compreender o significado da sociologia não teriam nenhum interesse na mensagem transmitida. Então, afinal, o que Bourdieu pretendia quando discursava para trabalhadores, escrevia polêmicos artigos e discutia a televisão? No prefácio aos *Atos de resistência*, ele parece dar a resposta:

Nós não deveríamos nos comprometer com tomadas de posição públicas se não tivermos, em cada ocasião dada, o sentimento (talvez ilusório) de sermos forçados a isso por algum tipo de irritação legítima, às vezes parecida com algo como o dever. [...] Eu tenho feito isso sempre na esperança de, se não desencadear a mobilização ou alguns daqueles debates sem objetivo nem conteúdo que periodicamente tomam a mídia, ao menos estilizar a aparência de unanimidade, de aquiescência que constitui a maior parte da força simbólica do discurso dominante²⁰.

Evidencia-se aqui certa tensão entre a lógica da teoria e a lógica da prática. Sua teoria dizia que tais intervenções eram inúteis e nocivas; mas ele poderia fazê-las com base na suposição de que elas desbloqueariam o debate público, estilizando a violência simbólica. Em uma análise final, ele fazia crer que seus próprios ataques à ideologia e à consciência eram fracos demais para atingir a profundidade da dominação. No fim, a despeito do que ele mesmo dissera na teoria, Bourdieu não podia senão adotar a ideia tanto do intelectual orgânico, engajado diretamente com seus públicos, como a ideia do intelectual tradicional, falando a partir da tribuna e dirigindo-se à humanidade.

Conclusão: para além de Mills e Bourdieu

Com seus trabalhos, Bourdieu defendeu a academia como o refúgio da verdade; mas ele também nos advertiu sobre os riscos de certas “ilusões ou falácias escolásticas” que impediriam o reconhecimento da situação particular da academia. Quer dizer, o perigo é que os intelectuais não compreendam a posição e a condição a partir da qual escrevem e discursam e, com isso, universalizem indevidamente o conhecimento que produzem ali. Eles falsamente reduziram a lógica das coisas às coisas da lógica e cairiam na armadilha intelectual de admitirem que todas as pessoas comuns pensam como eles, veem o mundo por suas lentes e conforme seus modelos. Pelo menos a princípio, os sociólogos conseguem evitar de forma mais eficiente essas falácias. Dado seu engajamento com o mundo (mesmo à distância), os sociólogos estão em melhores condições de criticar tais falácias, reconhecendo as diferenças entre a lógica da teoria e a lógica da prática.

Mas alguém poderia afirmar que Bourdieu padecia de uma falácia escolástica invertida, com sua suposição conforme a qual a academia seria o único lugar de produção de verdades legítimas e que a ciência leiga seria necessariamente equivocada²¹. Para ele, o saber leigo não seria senão a matéria-prima a

partir da qual o conhecimento científico seria criado. Portanto, Bourdieu presume que os acadêmicos detêm o monopólio da verdade; e eis por que ele defende a academia tão vigorosamente contra as forças políticas e econômicas que ameaçam sua autonomia. Mills cometera a mesma falácia escolástica, afirmando que os intelectuais deteriam o monopólio da verdade científica — contanto que não sucumbissem a determinadas patologias, tais como o empirismo alienado e a teorização grandiosa. Como Bourdieu, Mills pronunciou-se acerca das coisas do mundo com absoluta confiança na clareza da sua posição, desprezando ou desacreditando as perspectivas alternativas.

Entretanto, as abordagens contemporâneas sobre a ciência pensam a produção do saber como uma atividade em conjunto, como uma colaboração entre cientistas e leigos. Tal como observei no final do capítulo II sobre Gramsci, há lugar no mundo tanto para os intelectuais tradicionais como para os intelectuais orgânicos — respectivamente, aqueles que insistem na separação perante a sociedade que estudam e aqueles que estão profundamente comprometidos com ela. Ao invés de serem mutuamente excludentes, esses dois tipos de intelectuais são reciprocamente interdependentes — o que nos leva à segunda falácia escolástica de Bourdieu e Wright Mills. Se a primeira falácia reside na visão elitista do conhecimento como saber produzido tão somente pelo intelectual refugiado na cidadela acadêmica, a segunda falácia baseia-se em reduzir o sociólogo ao simples artesão, ao indivíduo isolado como fonte pura do conhecimento sociológico, ao intelectual renascentista que é ao mesmo tempo crítico, pesquisador, especialista e comentarista. Para ser exato, há certamente tais indivíduos no mundo — como Mills e Bourdieu o provaram. Entretanto, a maior parte dentre nós tem uma posição mais modesta na academia, especializando-se em determinados conhecimentos: o profissional, o crítico, o público e o aplicado às políticas públicas.

O intelectual coletivo que Mills e Bourdieu almejavam quando falavam em Terceira Coluna ou em uma Internacional dos Intelectuais estaria ligado por uma *solidariedade mecânica**. Esta seria a elite dos intelectuais eminentes e unânimes, pairando sobre a sociedade. Eles seriam pessoas cosmopolitas que

* Durkheim postulou a existência de dois tipos de solidariedade: a primeira (mecânica) deriva das semelhanças entre os agentes sociais e liga diretamente o indivíduo à sua comunidade tradicional, criando crenças comuns que são, ao mesmo tempo, a condição e o resultado dessa solidariedade. A segunda (orgânica) deriva das diferenças e liga indiretamente os indivíduos às instituições que compõem as sociedades modernas, criando funções especializadas e interdependência como condições e resultados dessa solidariedade. Cf. Durkheim, *Da divisão do trabalho social*, 1995. (N. do T.)

representariam os interesses da humanidade por meio da ciência — assim como Comte os imaginara. Há, porém, outra concepção desse intelectual coletivo, tendente a basear-se em uma *solidariedade orgânica* especializada em conhecimentos diferenciados mais interdependentes que dariam origem à divisão disciplinar do trabalho acadêmico. Fundamentando essa solidariedade e justificando sua especialização, estariam concepções de liberdade, de igualdade e de racionalidade que todos nós partilharíamos. Esse sociólogo coletivo, unido então pela solidariedade orgânica, olharia para duas direções: para frente, rumo ao desenvolvimento do conhecimento profissional e sua crítica, e para trás, transformando aqueles famosos problemas privados em questões públicas. Para os sociólogos coletivos de hoje, enfrentando a industrialização da universidade e a mercantilização do conhecimento, já não bastaria expandir a *imaginação sociológica*, esperando que ela magicamente se impregnasse no mundo lá fora; o sociólogo coletivo também precisaria hoje da *imaginação política* que levasse aquelas ideias para o diálogo com diversos públicos. Devemos considerar não apenas a produção da ciência social, mas também sua distribuição e seu consumo. Finalmente, o holofote reflexivo que fora voltado contra Marx, acusando-o de ser incapaz de entender os efeitos da sua própria teoria, poderia ser direcionado igualmente contra Mills e Bourdieu, por terem fracassado em desenvolver teorias acerca da própria contribuição ao debate público.

Notas

- 1 Bourdieu, 1991.
- 2 Mills, 1959a.
- 3 Bourdieu, 1984.
- 4 Idem, 1999a.
- 5 Idem, 1984.
- 6 Mills, 1948.
- 7 Bourdieu, 1991.
- 8 Idem, 1995a.
- 9 Idem, 1990b.
- 10 Mills, 1959a.
- 11 Bourdieu, 1991.
- 12 Obviamente, Bourdieu e Wright Mills também foram afetados por estilos de reflexão e de redação que prevaleciam em seus próprios campos intelectuais nacionais.
- 13 Bourdieu, 1999b.
- 14 Mills, 1959b.
- 15 Idem, 1960.

- 16 Idem, 1960.
 17 Bourdieu, 1999b.
 18 Idem, 1999c.
 19 Idem, 2003.
 20 Idem, 1999c, pp. VII-VIII.
 21 Mesmo *A miséria do mundo* (1999a), sua mais detalhada compilação da vida entre os dominados, trata-se do relato empírico cuja proposta era revelar a perspectiva dos imigrantes e do povo pobre, mas sem entrar em um diálogo com eles. Os entrevistadores precisariam ser cautelosos se desejassem elucidar a percepção e a compreensão do povo, para, mais tarde, conseguirem efetuar aquela ruptura com o senso comum.

BIBLIOGRAFIA

- ADKINS, Lisa e SKEGGS, Beverley (eds.). *Feminism after Bourdieu*. Cambridge: Blackwell Publishers, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *The mandarins*. Nova Iorque: The World Publishing Company, 1956.
- _____. *The second sex*. Nova Iorque: Vintage, 1989.
- _____. *Force of circumstance*. Nova Iorque: Paragon House, 1992, vol. 1 — *After the war, 1944-1952*; vol. 2 — *Hard times, 1952-1962*.
- BERNSTEIN, Basil. *Class, codes and control*. Londres e Boston: Routledge & Kegan Paul, 1971, vol. 1 — *Theoretical studies towards a sociology of language*.
- _____. *Class, codes and control*. Londres e Boston: Routledge & Kegan Paul, 1973, vol. 1 — *Applied studies towards a sociology of language*.
- BOURDIEU, Pierre. "Révolution dans la révolution", *Esprit*, nº 1, jan., 1961.
- _____. *The Algerians*. Boston: Beacon Press, 1962.
- _____. "The berber house or the world reversed", *Social Science Information*, vol. 9, nº 1, 1970.
- _____. "The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason", *Social Science Information*, vol. 14, nº 6, 1975.
- _____. "Marriage strategies as strategies of social reproduction", in Robert Forster e Orest Ranum (eds.), *Family and society*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1976.
- _____. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- _____. *Algeria, 1960*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- _____. "Men and machines", in K. Knorr-Cetina e A. Cicourel (eds.), *Advances in social theory and methodology*. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1981.
- _____. *Distinction: a social critique of the judgment of taste*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- _____. *Homo academicus*. Cambridge: Polity Press, 1988.